



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

VALDENICE ELAINE DOS SANTOS CLEMENTINO

**ATUAÇÃO DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO COM UMA CRIANÇA
AUTISTA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

CAMPINA GRANDE-PB

2020

VALDENICE ELAINE DOS SANTOS CLEMENTINO

**ATUAÇÃO DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO COM UMA CRIANÇA
AUTISTA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós Graduação apresentado ao departamento de Especialização em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista Em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

Orientador: Prof. Dra. Diana Sampaio Braga

CAMPINA GRANDE-PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C626a Clementino, Valdenice Elaine dos Santos.
Atuação do acompanhante terapêutico com uma criança autista [manuscrito] : relato de experiência / Valdenice Elaine dos Santos Clementino. - 2020.
28 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa , 2020.
"Orientação : Profa. Esp. Diana Sampaio Braga , Departamento de Educação - CEDUC."
1. Educação especial. 2. Autismo. 3. Acompanhante terapêutico escolar. 4. Processo ensino-aprendizagem. I. Título
21. ed. CDD 371.9

VALDENICE ELAINE DOS SANTOS CLEMENTINO

**ATUAÇÃO DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO COM UMA CRIANÇA
AUTISTA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós Graduação apresentado ao departamento de Especialização em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista Em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 07/12/2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Diana Sampaio Braga (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Ruth Barbosa Araújo Ribeiro



Prof. Dra. Livânia Beltrão Tavares

Dedico ao meu Senhor Jesus, sem Ele nada seria possível, ao meu pai, exemplo de força, coragem e fé, e a minha mãe (*in memoriam*), gratidão.

“Do lado de fora, olhando para dentro, você nunca poderá entendê-lo. Do lado de dentro, olhando para fora, você jamais conseguirá explicá-lo. Isso é autismo.” (Autism Topics, 2017)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.T.	Acompanhante Terapêutico (A)
ABA	Análise do Comportamento Aplicada
AVD	Atividades de Vida Diária
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CBO	Código Brasileiro de Ocupações
DSM	Diagnóstico de Transtornos Mentais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
NEE	Necessidades Educacionais Especiais
PDI	Plano Desenvolvimento Individual
TEA	Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	HISTORICIDADE DO AUTISMO	9
2.1	O processo de inclusão escolar das crianças com autismo	10
2.2	Historicidade e atribuições do acompanhamento terapêutico	12
2.3	As adversidades do cotidiano	15
3	ABA- TEORIA RESPONSÁVEL PELA AQUISIÇÃO DE COMPORTAMENTOS FUNCIONAIS	19
4	METODOLOGIA	21
5	RELATO DE EXPERIÊNCIA - DESCREVENDO A EXPERIÊNCIA COM AUTISMO/ DO INÍCIO À ATUALIDADE	24
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
7	REFERÊNCIAS	31

ATUAÇÃO DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO COM UMA CRIANÇA AUTISTA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Valdenice Elaine dos Santos Clementino
valelainice@hotmail.com

RESUMO

O acompanhante terapêutico escolar é um mediador do processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças e busca através da sua atuação favorecer inclusão pedagógica e social mais efetiva na Instituição escolar. O presente artigo tem como objetivo relatar uma experiência de acompanhamento terapêutico escolar com uma criança autista, realizado durante quatro anos em uma escola particular de Campina Grande. Os dados foram registrados em um diário de campo. Foram analisados os desafios na rotina diária do aprendente e do acompanhante, particularidades das suas interações sociais e dificuldades do âmbito escolar. No decorrer do processo de atendimento da criança autista foram identificados vários avanços na sua aprendizagem, no processo de interação com seus pares e uma diminuição nos comportamentos de crise.

Palavras-chave: Acompanhante Terapêutico. Autismo. Atuação. Relato.

ABSTRACT

The school therapeutic companion is a mediator of the children's learning and development process and seeks, through its performance, to favor more effective pedagogical and social inclusion in the school institution. This article aims to report an experience of therapeutic school monitoring with an autistic child, during four years in a private school in Campina Grande. The data were gathered in a field journal. It was analyzed the challenges in the daily routine of the learner and the companion, particularities of their social interactions and difficulties at school. During the process of assisting the autistic child, it was possible to identify several advances in its learning and in the interaction process with their peers, decreasing crisis behavior.

Keywords: Therapeutic Companion. Autism. Performance. Report.

1 INTRODUÇÃO

A presença do Acompanhante Terapêutico no contexto escolar cresce gradativamente, uma profissão relativamente nova no âmbito institucional relacionando-se com a inclusão, trata-se de um trabalho fundamentado na abordagem cognitiva comportamental e no conhecimento pedagógico que contribui para o desenvolvimento acadêmico e social do aprendente.

O interesse pelo tema surgiu a partir do trabalho como Acompanhante Terapêutica escolar durante um período de quatro anos em uma escola da rede privada de ensino, vivenciando diariamente as dificuldades encontradas pela escola e por mim, para facilitar o processo de inclusão. O acompanhamento foi realizado em uma escola particular na cidade de Campina Grande – Paraíba, o foco desse estudo é divulgar a atuação do acompanhante junto às crianças que necessitam de terapias educacionais, especificamente as que possuem Transtorno do Espectro Autista.

É complexo desenvolver um trabalho com materiais sem adaptação, ao perceber e aprender no decorrer do tempo que, pequenas adaptações facilitam a introdução, compreensão e assimilação do conhecimento por parte da aprendente, verificamos a importância de algumas mudanças que podem fazer diferença significativa.

Temos um número considerável de profissionais que trabalham com essa temática e atendem esse público, mas ainda não conseguem atender as demandas atuais. A capacitação é uma das pautas mais discutidas, porque não há possibilidade de um profissional exercer uma função sem dispor de conhecimento científico ou técnico para garantir ou propiciar o desenvolvimento e progresso de um aprendente com TEA.

Dentre às equipes multidisciplinares existe um profissional que é parte integrante do processo de aprendizagem e desenvolvimento e que ainda não é contemplado como deveria, desde a formação até a aceitação por parte da sociedade e das escolas, o A.T. (Acompanhante Terapêutico) institucional ou clínico trabalha com incentivos, intervenções diretas, comportamentos adequados e inadequados, flexibilização, rotinas, auxilia no processo de interação social, questões cognitivas e outras instruções, no entanto, pouco se sabe sobre esse profissional, o A.T. é

percebido como alguém responsável pelo ato de “cuidar”, mas, suas atribuições nem sempre são reconhecidas, como intervenções terapêuticas estruturadas.

Descrevendo um pouco sobre autismo, podemos definir como um transtorno do espectro onde apresenta prejuízos em sua comunicação e interação social, manifestando padrões de comportamentos restritos e repetitivos, necessitando assim de um sistema organizado mediante suas necessidades. O acompanhante influencia de maneira direta nas ações da criança, quando há comportamentos indesejados e atitudes inoportunas, a escola possui maior dificuldade para mediar, nesse momento o auxílio do profissional capacitado exerce uma função importante para com o aprendente, os termos utilizados e as ações geradas para manejar esses comportamentos devem ser desenvolvidos com cautela e previsibilidade, favorecendo a diminuição de comportamentos inadequados.

Tentaremos exemplificar e construir a partir desse estudo, uma sistemática para contribuir futuramente nas ações mediadas pelas escolas e pelos profissionais envolvidos e assim, discutir sobre procedimentos que envolvem a rotina do aluno, seja pedagogicamente, socialmente ou ainda nas questões comportamentais.

O objetivo do trabalho é apresentar um relato de experiência sobre a atuação do Acompanhante Terapêutico no ambiente escolar, onde esse profissional tem sido observado com frequência. As suas atribuições têm contribuído e favorecido o crescimento cognitivo, emocional e interacionista das crianças com TEA, logo contribui na ampliação do conhecimento acerca desta temática.

Almejamos ampliar, oferecer informações e conhecimento para promover a valorização do trabalho do A.T. acreditamos que as descrições das atuações e experiências vivenciadas com a aprendente dentro do espaço escolar, podem dar diretrizes para possíveis procedimentos realizados nas instituições escolares, para melhor manejar os desafios advindos do processo de inclusão do aluno com TEA, a partir do relato e das interferências realizadas pela equipe que a acompanha, sobretudo a atuação da A.T.

Ressaltamos que a aprendente descrita neste relato é atendida por uma equipe multidisciplinar desde o início do seu diagnóstico, favorecendo o desenvolvimento de maneira diretiva, suas evoluções foram observadas gradativamente ao longo dos anos e das terapias, trata-se de uma criança que faz parte de uma família que detém de condições para arcar com os custos dos tratamentos adequados.

2 HISTORICIDADE DO AUTISMO

Tratar sobre o Autismo pressupõe uma série de interrogações quanto aos aspectos da própria definição, etiologia e tratamento, o que as pesquisas evidenciam atualmente é que este transtorno abrange uma série de sintomas que variam de pessoa para pessoa. Em alguns, a sintomatologia ou os comportamentos atípicos surgem após o nascimento e ao longo dos três anos (FACION, 2005).

Apresentaremos no presente texto algumas informações referentes ao contexto histórico relacionados aos processos que envolvem o indivíduo com TEA e expor através desse trabalho a importância dos estudos e da compreensão desse conteúdo tão atual, assim como as questões direcionadas especificamente ao espectro e a profissionalização e atuação do Acompanhante Terapêutico. Às descobertas iniciais sobre o Autismo, estão datadas do ano de 1943, definidas inicialmente por Leo Kanner, como um distúrbio Autístico do Contato Afetivo, o qual conceituava as características do TEA como: perturbações com o meio, solidão, comprometimento nas habilidades para a linguagem em relação à comunicação, aspecto físico aparentemente normal, comportamentos repetitivos, na época denominada por ele como (ritualísticos), incidência predominante no sexo masculino.

Posteriormente surge no ano de 1944 Hans Asperger, que em seu estudo definiu um quadro de sintomas semelhantes como Psicopatia Autística, no qual o sujeito possuía um transtorno severo na interação social, coordenação motora deficitária e em consonância com a tese de Kanner, indicava a prevalência no sexo masculino.

Considerando essas apurações iniciais constatamos que são semelhantes às características do Autismo apontadas por Gadia (2006) o qual afirma que: “O autismo é definido como um transtorno complexo do desenvolvimento, do ponto de vista comportamental, com diferentes etiologias que se manifesta em graus de gravidade variados”, dessa forma o autismo engloba questões comportamentais afetando também o processo de aprendizagem. Ivan Pavlov, John B. Watson, Edwar, Thordndike e B. F. Skinner foram os pioneiros dos princípios científicos do Behaviorismo, a partir deles, deu-se início aos estudos sobre comportamentos, resultando em várias análises no contexto comportamental.

De acordo com o manual de diagnósticos de transtornos mentais o DSM-5, o indivíduo que possui autismo apresenta: “**A-1.** Déficits na reciprocidade sócio

emocional; dificuldade para estabelecer uma conversa normal, compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto, a dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais. **2.** Déficits nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social; déficits na compreensão e uso gestos, a ausência total ou parcial de expressões faciais e comunicação não verbal. **3.** Déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos; dificuldade em ajustar o comportamento; compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, a ausência de interesse por pares. **B-1.** uso de objetos ou fala estereotipados ou repetitivos; **2.** Insistência nas mesmas coisas, adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal. **3.** Interesses fixos”. (F84.0/p.50).

Outra perspectiva na compreensão do TEA está expressa na Lei 12.764 datada de 2012 que define o Autismo como:

“Deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação social, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento; II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.”

Essa lei foi nomeada também como: Lei Berenice Piana, em homenagem a militante que conseguiu obter êxito nas suas lutas e reconhecimento, instituindo por meio dela a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA.

2.1 O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DAS CRIANÇAS COM AUTISMO

Em 1994 ocorreu a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, em Salamanca, na Espanha, e no Brasil no mesmo ano, acontecia à formulação do Plano Nacional de Educação Especial, que orientou o processo de “integração instrucional”, pontuando que, o acesso às classes comuns do ensino regular deveria estar condicionado ao fato de o aluno possuir condições de acompanhar e desenvolver as atividades curriculares no mesmo ritmo dos outros (Brasil, 2008). Questões como essas são pertinentes e requer análises para a compreensão da inclusão e inserção da criança atípica no ingresso escolar.

O início do processo de inclusão deve acontecer a partir do momento que a criança é matriculada na escola (certo que podemos considerar uma utopia, tendo em vista as dificuldades que encontramos), pois, mesmo com direitos garantidos a partir das leis, nem sempre é fácil encontrar uma escola que acolha o aluno com NEE.

A partir da matrícula, a escola iniciaria uma breve anamnese sobre as dificuldades, habilidades e prioridades do estudante, coletando informações e assim planejar e realizaria um cronograma analisando o currículo e com assessoria do professor, do acompanhante terapêutico e da equipe multidisciplinar, facilitaria o processo de inserção e de avaliação da criança na escola, conseqüentemente favoreceria o ensino e a aprendizagem de maneira coerente e bem estruturada.

O PDI – que é o plano individual do aluno, deve ser elaborado pela escola, o trabalho do acompanhante deve basear-se nele, a quantidade, funcionalidade, e o tempo das atividades devem estar inseridas neste plano, ressaltamos que a criança relatada nesse contexto, trata-se de uma criança cuja família pode custear o atendimento com uma equipe multidisciplinar.

Abenham (2005), afirma que: "As pessoas com necessidades educacionais especiais devem ter acesso às escolas comuns, que deverão integrá-las numa pedagogia centralizada na criança, capaz de atender a essas necessidades" (p.43), enfatizando que, a escola inclusiva é aquela que consegue trabalhar no direcionamento da diversidade humana com qualidade, a escola precisa desenvolver possibilidades para atender às demandas e tentar minimizar os processos de exclusão.

Através do processo de inclusão, e das medidas implementadas para facilitar a inserção dessas pessoas podemos promover a aprendizagem de maneira mais eficiente, desse modo seria interessante verificar as possíveis possibilidades de flexibilização por parte da escola e dos professores, evidente que, inúmeras vezes os docentes não detêm de poder para modificar algo, a autonomia é restrita, as orientações prioritárias partem da gestão da instituição e a única opção é acatar e seguir as sugestões da instituição. Os recursos adaptados facilitam o trabalho do professor, do acompanhante e oportuniza a aprendizagem do estudante, o currículo seria constituído a partir das necessidades do aluno usando a praticidade e o uso do concreto como ponto de apoio, o processo avaliativo deveria considerar a individualização e as habilidades do aprendente, assim como, as prioridades de cada aluno. A atuação dos profissionais, ou seja, professores, responsáveis da escola, ou

do Acompanhante Terapêutico podem amplificar ou comprometer as habilidades e o progresso da criança através dos processos de intervenção e manejo.

Para assegurar uma educação e uma aprendizagem de qualidade, os esforços iniciam-se na família, conseqüentemente na escola e nos profissionais envolvidos nos tratamentos e terapias de cada criança, as práticas institucionais precisam consolidar as necessidades dos alunos respeitando suas particularidades, devemos vislumbrar o potencial e as habilidades e jamais considerar apenas as restrições.

Seria conveniente que as instituições atentassem na aquisição dos conhecimentos necessários para a vida funcional daquele aluno, essas atividades funcionais devem basear-se na realização de propostas que facilitem a independência da criança e ela consiga realizar demandas individuais e que promovam também o seu conhecimento social, atividades com materiais concretos que trabalhem vários aspectos, desenvolvendo várias habilidades sejam elas pedagógicas, desenvolvimento do corpo entre outras possibilidades, de forma a ampliar as suas habilidades e não se preocupassem com a quantidade de conteúdos acadêmicos que ele conseguiu “absorver” durante o ano letivo, no caso das crianças autistas sabemos que, o conhecimento é concreto devido às dificuldades de seguir comandos, demoram muito para iniciar uma ação e possuem problemas com transições, dessa forma, as atividades e conteúdos devem estar atrelados às necessidades, promovendo a evolução e crescimento da criança. A previsibilidade, flexibilidade e a rotina contribuem positivamente nesses processos, ao adquirir habilidades eles conquistarão espaço e seguirão a vida de maneira mais independente.

2.2 HISTORICIDADE E ATRIBUIÇÕES DO ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO

A função do acompanhante terapêutico foi idealizada, após movimentos oriundos dos trabalhos terapêuticos que foram desenvolvidos partindo de espaços psiquiátricos, que iniciaram nas décadas de 50 na Europa e nos Estados Unidos, posteriormente, gerando frutos em outros países como: Inglaterra e França, na década de 60 novas atuações e funções passaram a surgir em torno deste trabalho, surgindo para atuar como cumprimento de funções relacionadas a promover interação social, diminuindo a clausura típica dos internamentos, melhorar as dificuldades de

relacionamento e contribuir para a inserção da pessoa aos meios públicos, como um passeio nas ruas, atuando como um terapeuta.

No Brasil, a emergência do papel do acompanhamento terapêutico tem uma forte influência de profissionais argentinos, que ofereciam atendimentos com abordagens múltiplas a pacientes psicóticos e dependentes químicos (Pitiá & Furegato, 2009).

Encontramos no decorrer dos estudos teóricos, relatos sobre o trabalho realizado na clínica Pinel, em Porto Alegre na década de 60. Silva & Silva (2006), afirma que, a partir daí a prática do AT passou a ser exercida em outras partes do país, no ano de 1969 especificamente, na Clínica Villa Pinheiros, situada no Rio de Janeiro.

Ainda sobre a origem e atuação do AT, MAUER e RESNIZKY (1987) declara que foi na Argentina onde iniciou-se a prática desse profissional, através de uma criação coordenada por Eduardo Kalina, psiquiatra na década de 1970.

No decorrer das atuações profissionais aconteceram mudanças nos termos usados para referir-se a esse profissional e um deles foi denominado de amigo qualificado, esse termo nasceu na Argentina, no final da década de 1960 e apareceu como uma alternativa para os pacientes psiquiátricos nos momentos de pós-crise (Fráguas, 2004). Após o trabalho inicial em Porto Alegre, posteriormente realizou-se no Rio de Janeiro e em São Paulo, o mesmo foi desenvolvido pela psicanalista Beatriz Aguiar atuante no instituto A Casa, documentos datam que o início desse trabalho foi entre 1979 e 1981.

Ayub (1996) aborda claramente em sua análise sobre a denominação e sobre o desenvolvimento do AT, afirmando que: A sequência temporal para as denominações e funções daquilo que hoje chamamos de AT é imprecisa.

Não sabemos ao certo em que momento ocorreu à expansão e atuação do AT para o ambiente escolar, essas questões não estão muito claras nos documentos que abordam essas temáticas, no entanto, Sereno (2006) fala sobre a prática do AT, o qual atua em uma infinidade de funções como por exemplo: intérprete, auxiliando na subjetivação da criança e conexão entre os elementos do território escolar.

O atendente passou a ser solicitado após se perceber a necessidade de tratamento e acompanhamento para as pessoas que possuíam surtos psicóticos, hoje há uma vertente de crescimento muito forte em torno dessa formação, cujo

desempenho é de extrema relevância para intervenção e acompanhamento nas terapias.

O acompanhamento terapêutico está relacionado à necessidade que as pessoas possuem (por diversos fatores ou motivos), por não apresentarem condições para manter uma relação interacionista de forma independente, desse modo, a iniciação de uma conversa se torna prejudicada e o acompanhamento terapêutico favorece a aquisição de habilidades e aprendizagens, nos diferentes contextos, conseqüentemente conseguindo realizar uma interação sem depender totalmente de outra pessoa.

Rossi (2006, pg. 6) afirma que: Na tentativa de conceituar o AT, os pesquisadores concentram esforços em contextualizar suas práticas e características a partir do seu surgimento histórico e têm encontrado dificuldade nesta tarefa.

Contextualizando sobre a capacitação desse profissional, Londero e Pacheco (2006) relatam sobre a ausência de especialização para a prática do AT, pautando nesse sentido o motivo pelo qual essa área não é reconhecida, nem valorizada como uma profissão. Por isso é importante ressaltar a trajetória, as lutas e conquistas desses profissionais, os debates atuais também auxiliam nesse reconhecimento social e educacional.

No entanto, ainda não temos conhecimento de um curso com formação acadêmica registrada nessa área, os cursos de capacitação oferecem conhecimentos específicos para garantir uma intervenção adequada para os aprendentes, a criação de um curso mais abrangente e amplo não desconsidera o profissionalismo do acompanhante, a formação contribui para aquisição de conhecimentos técnicos e o capacita para atuar mediante as necessidades apresentadas pelo paciente. O Acompanhante Terapêutico precisa adquirir e ampliar conhecimentos específicos para direcionar o aprendente de forma coerente, atuando com responsabilidade e tomando conhecimento em relação às conseqüências de cada ato e a exposição do paciente após as intervenções, a atuação deve conter objetivos, considerando e respeitando a individualidade e as especificidades de cada criança.

O Acompanhante está apto para atuar nas atividades pedagógicas, nas relações de interação social, nas habilidades, na realização de Atividades de Vida Diárias (A.V.D) e em momentos complexos como birras e comportamentos inadequados. Os professores com experiência no autismo sabem manejar algumas situações, no entanto, apresentam dificuldades em sistematizar ações mediante

comportamentos abruptos, e esses, se forem conduzidos de maneira errônea podem estimular a presença de comportamentos ainda mais graves.

Ao longo dos anos a atuação do Acompanhante Terapêutico expandiu-se para o contexto escolar com o objetivo de favorecer a aquisição de habilidades acadêmicas e sociais de crianças com TEA, (Fráguas & Berlinck, 2001), oferecendo subsídios para que o aluno consiga se desenvolver no ambiente escolar.

Alguns anos atrás o profissional não precisava ter conhecimentos específicos, não havia nenhuma exigência em relação ao nível de instrução para atuar como A.T. no entanto, ao longo dos anos e do conhecimento específico sobre o autismo assim como as abordagens necessárias para auxiliar o desempenho dessas crianças, percebemos hoje algumas prioridades á respeito do perfil para exercer essa profissão, como por exemplo, ser pedagogo (a), trabalhar na área da educação, psicólogos, neuropsicopedagogos, psicopedagogos, ou ainda possuir qualquer curso de ensino superior na área da saúde ou humanas, mas esses perfis são escolhidos pelos pais e pela equipe multidisciplinar, não seguem até então, nenhum padrão pré-estabelecido.

2.3 AS ADVERSIDADES DO COTIDIANO

Em meio aos processos de inclusão encontramos algumas problemáticas, por vezes no processo de matrícula para inserir o aluno com necessidades educacionais (seja qual for a sua especificidade), podemos citar ainda os desafios do Acompanhante Terapêutico na instituição escolar, e o desconhecimento da escola sobre o papel do A.T., há casos ainda em que é necessário o manejo adequado de comportamentos considerados “inadequados” e a escola desconhece os motivos desses comportamentos, assim como a maneira correta de conduzir.

Além da regulação do comportamento, a adaptação do ambiente e dos materiais escolares, as especificidades dos alunos com TEA tendem a fortalecer os laços da escola com a A.T. e logo auxiliam no entendimento relacionado às atribuições desse profissional.

Como a presença do A.T. é recente na instituição escolar, é comum que professores confundam o trabalho do A.T. com o de um cuidador, o qual é definido pela Classificação Brasileira de Ocupações – CBO: “Cuidador é um ser humano de qualidades especiais, expressas pelo forte traço de amor à humanidade, de solidariedade e de doação. A ocupação de cuidador integra a Classificação Brasileira

de Ocupações – CBO sob o código 5162, que apresenta o cuidador como alguém que “cuida a partir dos objetivos estabelecidos por instituições especializadas ou responsáveis diretos, zelando pelo bem-estar, saúde, alimentação, higiene pessoal, educação, cultura, recreação e lazer da pessoa assistida”.

O Acompanhante Terapêutico atua com um público abrangente, desde pessoas com transtornos mentais e deficiências múltiplas, até dependentes químicos, auxiliando todas as faixas etárias, o A.T. deve promover a autonomia dos pacientes, enriquecendo seu desenvolvimento e seu repertório, seu trabalho é direcionado com ênfase em atividades pedagógicas, cognitivas, sociais, comportamentais e uma série de outras abordagens, possibilitando a aprendizagem ou a (re) aprendizagem, dependendo do paciente. O Acompanhante terapêutico pode ser compreendido como um assessor (coadjuvante) da criança, onde o estudante é o ator principal seja na aprendizagem dos conteúdos ou nas intervenções e interações diversas.

É primordial que, o professor idealize seu plano de aula reconhecendo que o aluno com especificidades é detentor de direitos, os quais por vezes não são considerados, há uma variante de escola para escola. A presença do A.T. em sala de aula pode ocasionar desconforto, e é compreensível, os docentes não estão habituados a presença desses profissionais, ao mesmo tempo em que, atuar mediante as necessidades daquele aluno é complexo, principalmente quando não conhecemos o universo que o cerca, já verificamos atos e falas de professores que visualizam no acompanhante o professor daquele aluno, mas, é necessário dialogar sobre o papel do professor e o dever do A.T., não são todos os professores que desconhecem essa atuação, mas, a presença do A.T. é recente no meio institucional e vêm ganhando espaço ao longo do tempo.

São grandes os desafios e dificuldades no contexto educacional desde o início da escolarização, a busca por igualdade e inclusão existe e as lutas continuam, as leis e os direitos estão datados, mas isso não garante a realização efetiva e o cumprimento delas, algumas questões ainda são debatidas, citaremos abaixo uma das leis que garantem alguns direitos:

A Lei Brasileira de Inclusão nos afirma que: “Art. 1º Fica instituída o Estatuto da Pessoa com Deficiência – Lei Brasileira da Inclusão, destinada a assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e liberdades fundamentais pela pessoa com deficiência, visando a sua inclusão social e cidadania”, (BRASIL, 2015).

Dessa forma, se as leis fossem cumpridas como estão descritas nos documentos, as dificuldades possivelmente seriam extintas, ou haveria a diminuição das problemáticas garantindo o direito real das pessoas, dentro das suas especificidades. Apesar dos documentos, não há garantia no cumprimento das leis, mas, avanços são observados, apesar das dificuldades e das lutas continuarem, tem se obtido êxito em alguns aspectos. Podemos citar ainda a Lei Berenice Piana (2012), que, em consonância com a Lei do Estatuto da Criança e do Adolescente(1990) declara alguns quesitos que tangem desde a introdução da criança com TEA no mercado de trabalho, até imposições de dever do poder público, citamos algumas como: V - o estímulo à inserção da pessoa com transtorno do espectro autista no mercado de trabalho, observadas as peculiaridades da deficiência e as disposições da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); VI - a responsabilidade do poder público quanto à informação pública relativa ao transtorno e suas implicações;

Esta lei contempla cláusulas que fazem referência aos profissionais no que tange à capacitação, sendo esse significativo: VII - o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis; VIII - o estímulo à pesquisa científica, com prioridade para estudos epidemiológicos tendentes a dimensionar a magnitude e as características do problema relativo ao transtorno do espectro autista no País.

Ao longo dos anos, com a busca por reconhecimento, os direcionamentos educacionais vêm sendo estruturados por leis, a criação da LDB – Lei de Diretrizes e Bases nos anos sessenta auxiliou na composição de um ambiente mais adaptado e estruturado para atender as demandas de alunos que necessitam de condições diferenciadas para aquisição do conhecimento educacional e social desenvolvidos no ambiente escolar.

Descrever fatos reais nem sempre é fácil, mas para tentar transformar um pouco o meio educacional e a realidade de como o Acompanhante é percebido, e de como a inclusão é exercida, precisamos discutir, divulgar e buscar informações sobre a verdadeira identidade e atuação das escolas e nas escolas. É de responsabilidade da escola, estruturar materiais adaptados e adequados às necessidades e tudo que é imprescindível para o aluno, seguindo as recomendações dos documentos diretivos a

escolarização e aprendizagem como: A BNCC (2017), as Leis de Inclusão e documentos que garantem os direitos das pessoas com necessidades educacionais especiais (Declaração de Salamanca (1994), Lei Romário (lei nº 13.370/2016), Lei Berenice Piana (12.764/2012), entre outras, que descrevem com clareza os direitos e deveres dos envolvidos nesses processos educacionais.

Ao analisarmos as situações expostas, nomeamos alguns tópicos como sugestão para facilitar o cotidiano das escolas sobre o seu papel, o papel do professor e o papel do acompanhante.

I- Papel da escola:

Matricular o aluno e incluí-lo no contexto diário da escola, não apenas inserir; adaptar o currículo as necessidades do aluno; buscar informações sobre ele com os pais, equipe que atende e acompanha, assim como as informações advindas do Acompanhante Terapêutico, considerando as especificidades de cada aluno como ser único.

II- Papel do Professor:

Adaptar as atividades com auxílio da equipe multidisciplinar e do Acompanhante Terapêutico; atender o aluno de maneira individual na sala de aula para que ele compreenda com maior facilidade, quando possível; realizar avaliação de acordo com as condições que o estudante oferece, observar as habilidades e não as impossibilidades do aluno.

III- Papel do Acompanhante Terapêutico:

Acompanhar o aluno no ambiente escolar, oferecendo amparo quando necessário, intervir quando ele demonstrar comportamentos inadequados e necessitar de apoio para continuar realizando as demandas. Levando em consideração que o auxílio do professor também é muito importante. Atuar para que o aprendente consiga realizar as atividades de forma independente e que ele seja o mais invisível possível;

No caso das adaptações das atividades escolares, o A.T. deve auxiliar a maior parte do tempo, ao lado do estudante, diferenciando o que o aluno consegue ou não realizar, adequando de acordo com suas necessidades.

Retornamos aos nossos objetivos buscando por meio desses estudos informar de que maneira podemos contribuir no desempenho, não só das crianças, como dos profissionais que estão à frente das instituições de ensino. A escola deveria considerar o discurso do acompanhante de forma mais precisa, o A.T. vivencia diariamente as

ações do aluno, conhece as habilidades, dificuldades, privações e acompanha em todos os ambientes. O papel deste profissional é relevante para auxiliar o amadurecimento do estudante, é essencial que o A.T. seja inserido no contexto educacional como um profissional capacitado e apto para desenvolver as terapias da criança, contribuindo com a escola para que o estudante seja parte integrante do processo educacional de maneira integral e não superficial, lembramos que, a melhor maneira de solucionar as problemáticas envolvendo o aluno autista e o acompanhante, é o diálogo, para facilitar e promover o trabalho de ambas as partes.

É imprescindível cautela na hora de planejar, estruturar e executar o conteúdo que é oferecido e a forma como será proposto. Os métodos didáticos estão mais atuais e não deveria ser diferente quando se trata de propostas direcionadas para alunos com TEA, estamos vivenciando uma das épocas mais significativas para o conhecimento do assunto, isso é relevante para a disseminação das ideias, facilita o desenvolvimento gradativo das propostas educacionais, assim como o desenvolvimento da aprendizagem por parte de todos os integrantes do contexto educacional, aprimorando e enriquecendo todos os envolvidos nesse processo de ensino e aprendizagem.

Este estudo busca contribuir na reflexão sobre a atuação e reconhecimento do Acompanhante Terapêutico através de um estudo de caso com uma aprendente que encontra-se atualmente com 10 anos de idade, esse estudo foi idealizado por meio de uma pesquisa que nos oferece subsídios para compreender as adversidades e privações provenientes da acompanhante escolar e de sua atuação, em meio a essas discussões, podemos verificar que algumas mudanças já transcorrem, mesmo que discretamente, mas, apreciamos como um avanço.

3 ABA- TEORIA RESPONSÁVEL PELA AQUISIÇÃO DE COMPORTAMENTOS FUNCIONAIS

ABA- Applied Behavior Analysis, Análise do Comportamento Aplicada é um termo advindo do campo científico do Behaviorismo que observa, analisa e explica a associação entre o ambiente, o comportamento humano e a aprendizagem, é uma ciência responsável pela intervenção e aquisição de habilidades sociais, acadêmicas, na comunicação e nos comportamentos adaptativos “Caracterizada pela coleta de dados antes, durante e depois das intervenções para analisar o progresso individual

da criança e auxiliar na tomada de decisões em relação ao programa de intervenção e estratégias que melhor promovem a aquisição de habilidades especificamente necessárias para cada criança” (BAER, WOLF, RISLEY, 1968, 1987, HUNDERT, 2009).

Através da ABA podemos estruturar uma rotina direcionada e planejada baseada em evidências, considerando antecedentes, estímulos, ambientes e a influência deles, assim como as consequências, a ciência afirma que, a aprendizagem se dá por meio da repetição e assim geram consequências positivas para o indivíduo, às mudanças acontecem nos comportamentos através das modificações e dos antecedentes que buscam melhorar os comportamentos, os quais, podemos citar: a linguagem, o contato visual, a comunicação e a imitação como atos que implicam nos resultados para adquirir as habilidades.

A origem da ABA é proveniente dos Estados Unidos, o país é responsável por nortear e basear as questões envolvendo o autismo para o restante dos países, datada de 1968 onde foi realizada a primeira publicação sobre o tema, os estudos iniciais sobre essa ciência partiram das teorias de Skinner. Antes do conhecimento da ABA, muitas teorias e estudos científicos foram testados ao longo do tempo com o intuito de descobrir e conhecer o autismo, hoje a ABA é definida assim: "É uma tecnologia que pode ser aplicada a crianças e adultos com ou sem necessidades especiais, em clínicas, escolas, hospitais e em casa, no ambiente de trabalho ou na comunidade". (CAUTILLI, DZIEWOLSKA, 2008. p. 642).

Análise do Comportamento Aplicada é denominada também "Como uma abordagem científica definida como um método para avaliar, explicar e modificar comportamentos baseados nos princípios do condicionamento operante introduzidos por B. F. Skinner" (Skinner,1953.p.641), possui contextos como condicionamentos, antecedentes, estímulos e consequências envolvidas no processo, essa ciência requer que profissionais sejam preparados adequadamente para atender o público e realizar os procedimentos concernentes a esta abordagem.

No Brasil os profissionais buscam conhecimentos adicionais devido à falta de estudos específicos na área, à análise do comportamento aplicada através de sua abordagem tem como finalidade, ajustar comportamentos que não se enquadram como “comportamentos adequados”, todas as mediações devem suceder mediante as eventuais necessidades, buscando resultados apropriados aos pacientes/aprendentes que utilizam essa técnica, devem generalizar os

comportamentos aprendidos para aplicar em todos os ambientes fazendo com que a probabilidade de acerto seja a maior possível, as novas teorias junto à inquietude de muitos profissionais, foram responsáveis pela modificação das práticas e dos avanços em relação aos atendentes no Brasil.

A maior parte dos estudos sobre Análise do Comportamento Aplicada são oriundos dos Estados Unidos, no Brasil, os estudos ainda são restritos com pouquíssimos investimentos, impedindo a propagação de conhecimento e de profissionais capacitados.

O objetivo final de uma intervenção seguindo os princípios da ABA é tornar as pessoas mais independentes, atuando de maneira individualizada com uma rotina estruturada, as anotações e observações durante as intervenções são de extrema relevância para as adequações necessárias no decorrer das terapias, os trabalhos com essa ciência atuam para extinção de fugas, comportamentos inadequados, demandas funcionais, qualidade das ações, tendo como o objetivo aperfeiçoar os comportamentos, melhorando a qualidade de vida das pessoas, existe ainda outros aspectos para contribuir com esses processos, como: os reforçadores e o cuidado com eles, a realização de terapias partindo do interesse do aprendente, cautela no tom e ritmo da voz, até a movimentação do corpo influencia nos respectivos resultados.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa trata-se de um relato de experiência, que foi observado em uma instituição privada na cidade de Campina Grande - Paraíba, no decorrer de quatro anos, as informações foram coletadas por meio da observação e respectivamente de ações e comportamentos oriundos dos profissionais da escola, da minha atuação e da relação construída com a aprendente, as informações foram registradas em um diário de campo, observando também, documentos e arquivos (fotos e vídeos) no decorrer do acompanhamento.

Analisamos essas informações a partir do estudo de caso, utilizamos esse método, pois ele se mostra o mais adequado para sintetizar as informações contidas nesse artigo, exploramos o processo de atuação e a experiência do Acompanhante Terapêutico através de uma pesquisa de cunho qualitativo, tratando-se de um relato de experiência.

O Estudo de Caso permeia-se pelas experiências da pessoa ou as vivências no contexto em que a mesma está inserida. Tenciona-se, compreender o fenômeno ou mesmo a natureza do caso, logo, procura-se compreender o caso no seu ambiente natural, em toda profundidade para uma melhor apropriação da realidade (Crowe, Cresswell, Robertson, Huby, Avery & Sheikh, 2011).

O Estudo de Caso define-se pelas seguintes características: “a) é um delineamento de pesquisa; b) preserva o caráter unitário do fenômeno pesquisado; c) investiga um fenômeno contemporâneo; d) não separa o fenômeno do seu contexto; e) é um estudo em profundidade; e f) requer a utilização de múltiplos procedimentos de recolha de dados” (p. 7).

Acompanhando esse mesmo olhar, Amado (2013) segue o esquema de Ludke e André (1986) quando evidenciam que as características fundamentais dos estudos de caso: “visam a descoberta: o que se fundamenta no caráter aberto e reversível do conhecimento; enfatizam a interpretação em contexto: há que levar sempre em consideração o contexto em que cada caso se situa.

Estas características reforçam o fato de que em estudos realizados com o método do Estudo de Caso, não há conclusões “exatas” acerca do fenômeno. O fenômeno pode ser explorado exhaustivamente no período da investigação, bem como pode deixar sempre a possibilidade de futuros investigadores poderem continuar a explorar, descrever e explicar novas variantes do mesmo fenômeno.

Considerando à demanda dos Acompanhantes Terapêuticos nas escolas e as dificuldades de estratégias para atuar nesse campo profissional, além da visão equivocada dos profissionais das instituições, resolvi através desta, apresentar e descrever essa experiência e as especificidades presentes na perspectiva da atuação do Acompanhante Terapêutico. Todas as informações aqui mencionadas são resultantes de uma atuação de quatro anos com uma autista de grau leve a moderado (segundo laudo), mantendo contato também com outras crianças que são diagnosticadas dentro do espectro, nos graus: grave e moderado, na respectiva escola.

Descrevendo um pouco acerca da aprendente podemos afirmar que a criança B.R. é uma criança com facilidade de adaptação, geralmente ativa, apresenta facilidade para imitação, fato esse que facilita a aprendizagem e desenvolvimento da mesma, assim como os trabalhos da equipe multidisciplinar que a acompanha no decorrer do seu crescimento. Possui bom nível de desenvolvimento motor, sendo apta

a realizar várias atividades de modo independente como: correr, nadar, pular, andar de bicicleta, jogar bola e movimentar-se quando necessário sem auxílio direto, as conduções em sua maioria são registradas nos quesitos comportamentais e nas questões pedagógicas.

A linguagem e a fala é compatível para sua idade considerando suas especificidades, possui um leque considerável de palavras, compreende relativamente bem a maioria das consignas e comandos evoluindo positivamente ao longo dos anos e apresentando independência.

Apresenta comportamentos de birra e inadequados quando contrariada, no entanto, quando conduzida adequadamente esses comportamentos diminuem drasticamente. Apresenta ecolalia e alguns comportamentos estereotipados (ex. movimento com as mãos, repetição de fala (tardia ou recente).

Os pais possuem uma estrutura financeira considerável e são separados desde o início da infância das crianças. A criança possui uma irmã gêmea, que estuda na mesma escola, fazem a mesma série, porém, não estudam na mesma sala, por orientação da psicopedagoga da criança, em virtude de que possivelmente B.R. poderia apresentar comportamentos negativos estando ao lado da irmã durante as aulas.

As duas crianças frequentam regularmente a mesma escola regular, na rede de ensino privado de Campina Grande/ PB. Elas frequentam um turno da escola, no contraturno realizam outras atividades, B.R. frequenta um Instituto onde realiza as atividades multidisciplinares assim como as terapias e possui assistência pedagógica, realizando ainda outras atividades de dança e música em um ambiente distinto.

Em relação a minha atuação, acompanhava a aprendente durante todo o turno em que a mesma ficava na escola, atuando todos os dias.

Segundo dados coletados, a escola possui cerca de 600 alunos nos dois turnos, é uma escola bem estruturada com salas adequadas para as necessidades dos alunos, espaço amplo e agradável com salas de música, dança, áreas de jogos e natação, espaço de cinema, salas de pesquisa, biblioteca e áreas de lazer, possui cozinha e toda uma estrutura física bem desenvolvida e um tanto atraente para qualquer criança.

Possui um quadro de profissionais entre 180 e 200, sendo esses números divididos entre professores e demais profissionais das outras áreas atuantes no espaço.

Observação: O número de alunos e profissionais está sujeito a alterações, não sabemos a porcentagem desses.

5 RELATO DE EXPERIÊNCIA - DESCRIVENDO A EXPERIÊNCIA COM AUTISMO/ DO INICIO À ATUALIDADE

Meu primeiro contato com o autismo ocorreu por meio de uma instituição que atende crianças especificamente com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba, entre 5/6 anos atrás, o autismo ainda não tinha muita visibilidade, “desconhecido” pela maioria das pessoas, inclusive para mim enquanto pedagoga, os estigmas eram muito presentes, iniciei meu trabalho na instituição e perdurei naquele ambiente no decorrer de alguns meses, desenvolvendo trabalhos terapêuticos, foi desafiador em todos os aspectos, em decorrência do pouco conhecimento que havia de minha parte sobre o transtorno, me apaixonei pelo mundo do autismo, após saí da instituição com um conhecimento considerável sobre o tema, meu intuito era ajudar posteriormente outras crianças e famílias, almejando capacitação e aperfeiçoamento.

A experiência trouxe com o passar dos meses a paixão pelo autismo de forma mais intensa, e a realização profissional logo veio. A capacitação para trabalhar na área com mais qualificação é algo que passou a ser almejado, sonhado, pois lidar com seres humanos tão especiais exige um grande investimento.

A criança, fonte desse estudo, inicialmente foi diagnosticada quando estava com 1 ano e 6 meses de idade. Começaram as terapias e os acompanhamentos, havia uma desconfiança por parte da mãe, devido ao desenvolvimento da criança ser atípico, em relação a irmã gêmea, a criança iniciou o processo educacional, e não apresentava fala funcional (fala com intuito de comunicação adequada), os traços eram típicos do espectro autista, a ausência do contato visual, o ato de apontar, eram bem presentes, assim como as estereotípias, os comportamentos inadequados e as crises comportamentais quando era contrariada.

Apresentou necessidade de um Acompanhamento Terapêutico Escolar aos 4 anos de idade, quando fui contatada, a mãe alegava dificuldades em encontrar uma acompanhante para realizar o trabalho. Ao iniciar a atuação não tinha muito conhecimento sobre como era mediar e desempenhar terapias no ambiente escolar, havia da minha parte, conhecimentos das terapias clínicas, foi um processo de

adaptação e gradualmente fui obtendo conhecimento do ambiente institucional, assim como o posicionamento que deveria apresentar frente à escola e para com a criança (pois também já havia um conhecimento prévio, conhecia a aprendente de atendimentos clínicos), o trabalho foi executado de maneira mais diretiva e sem maiores erros, atualmente ela encontra-se com 10 anos de idade, no quinto ano do ensino fundamental, conseguindo acompanhar os conteúdos alinhando as suas especificidades.

A criança apresentava alguns comportamentos como: ecolalias, estereotípias, rigidez, e irritação quando se tratava de rotinas, atualmente apresenta alguns desses comportamentos, no entanto, com menos frequência e menos intensidade. No início do processo educacional a criança demonstrava dificuldades de leitura e escrita, com muito esforço e dedicação ela conseguiu “acompanhar” as outras crianças, hoje, possui um nível de leitura e escrita quase que igualitário em relação aos demais da sala, ressaltamos que, complexidades existem, mas ela vem obtendo resultados satisfatórios e acompanha relativamente bem a maioria dos conteúdos oferecidos na sala.

Uma das suas maiores habilidades, onde seu desempenho é notório é a imitação, esse método favorece a aprendizagem positivamente, pois, sabemos que todos nós, típicos ou não, aprendemos por intermédio da imitação. Em se tratando das dificuldades podemos relatar que, a interação social é um dos pontos mais trabalhados, é onde ela demonstra maior dificuldade, de modo a socializar de maneira funcional, ela apresenta avanços ao longo do tempo, mas ainda apresenta alguns impedimentos, como iniciar e finalizar uma conversa de maneira funcional, esse quadro é modificado quando há algo superinteressante para a mesma, nesses casos até inicia conversas, mas necessita de ajuda para continuar o diálogo.

Como toda criança com autismo houve e ainda há processo de adaptação na escola, reconhecimento do ambiente escolar como um todo, aceitação das outras crianças e a visualização do professor como ponto norteador, a ociosidade também afeta o desenvolvimento de suas habilidades, há um atraso intelectual devido ao espectro, mas no decorrer dos acompanhamentos ela apresenta um comportamento/desempenho similar às demais crianças. Nas questões que envolvem comportamento, raramente apresenta crises e atualmente há uma compreensão maior, quanto à realização das propostas de atividades. Comportamentos

inadequados são raros e geralmente são decorrentes das negações dadas a ela ou quando há intervenção inadequada.

A aquisição de novas habilidades é percebida nos aspectos motores, cognitivos e intelectuais, através das ações e respostas apresentadas por ela, algumas atividades realizadas sem auxílio, demonstra interesse em ser independente e isso amplia o leque de opções para a mediação do trabalho terapêutico, cumpre algumas atividades sozinha, identifica a rotina da escola e a intervenção é facilitada, quase sempre consegue solicitar o que deseja e expor suas vontades de maneira clara.

Os avanços são visíveis em todos os âmbitos, o nível de compreensão evoluiu consideravelmente ao modo que, em alguns momentos, ela consegue se adaptar há algumas quebras de rotinas e entender o contexto ao seu redor em algumas circunstâncias, embora possa apresentar irritação devido as possíveis negações. A ampliação das habilidades é instruída baseadas nas intervenções ABA, TEACCH, e o PECS (métodos utilizados para intervenção e desenvolvimento/ampliação das habilidades) na instituição onde realiza as terapias, com o intuito de aprimorar e desenvolver habilidades onde há restrições, as adaptações são idealizadas conforme a evolução apresentada no decorrer do tempo, a fala e a linguagem são bem desenvolvidas.

A realidade escolar na perspectiva inclusiva é relativamente difícil, em especial quando se trata de iniciantes, em alguns momentos a sensação de incapacidade e impotência devido ao fato de estar aprendendo com a prática foi inevitável.

Um dos encantos do autismo para mim é o fato de que, a cada instante aprendemos algo novo, a adaptação de uma criança em um universo escolar é desafiadora. Ambas descobrimos a realidade daquele ambiente, fui a primeira acompanhante da criança e tive a oportunidade de vivenciar as experiências dela desde o princípio, ao mesmo tempo em que é desafiador, é mágico também, tudo me encorajava a buscar alternativas para aprender e para ensinar, ensinar a criança, os colegas, os professores e aprender com eles também, tudo era novidade e através dessas oportunidades e desafios, quebrei tabus, superando as dificuldades e as barreiras encontradas pelo contexto escolar e pela criança a qual eu acompanhava.

Há momentos de adversidades, de adequação e adaptação de materiais assim como os ambientes para atender as demandas da criança, existem informações

insuficientes por parte de alguns profissionais sobre técnicas mais aprofundadas para atender adequadamente as demandas que ela apresenta na escola, no início de todo processo foi complicado entender as obrigatoriedades da escola, atualmente, conhecendo mais intimamente os deveres e direitos das partes envolvidas, busco me adequar e reconhecer minhas obrigações e direitos, mas prioritariamente os direitos da criança.

Uma das dificuldades do ambiente escolar foi à aceitação das adaptações sugeridas pela equipe multidisciplinar da criança, por ser uma escola tradicional e bem-conceituada, os conteúdos curriculares são extensos e isso dificulta amplamente a aprendizagem da criança, no entanto, ao longo do tempo percebeu-se uma compreensão maior por parte da escola em relação às prioridades educacionais e pedagógicas para a criança, conseqüentemente favorecendo o desenvolvimento em todas as esferas.

A inserção da criança na sala de aula, principalmente com os colegas foi algo marcante, o trabalho era realizado diariamente, discursando e apresentando ações que favorecessem a inclusão e a introdução dela no decorrer das atividades diárias, promovendo conhecimento das temáticas de inclusão e a apresentação do que é o autismo, tornando as informações mais acessíveis, superando diariamente os obstáculos, objetivando conhecimento, integração, inclusão e acessibilidade.

No ambiente escolar de maneira “geral” não há adaptações, na sala de aula ela senta-se na cadeira da frente, comumente na mesma posição, havendo necessidade de modificação ela sempre é comunicada com antecedência para evitar birras e crises comportamentais, em relação às atividades, apenas as avaliações trimestrais são adaptadas, ela possui uma percepção muito boa e quando verifica que as atividades são diferentes se nega a realizá-las, existe todo um trabalho envolvendo essa questão, porque, geralmente quando se percebe essa modificação, ela se nega a realizar, no entanto pontuamos que, as atividades avaliativas são adaptadas de acordo com os conhecimentos que ela dispõe, considerando necessidades e prioridades, de acordo com o conteúdo e mantendo as peculiaridades das avaliações dos demais.

Concernente à experiência vivenciada enquanto acompanhante é fato que, barreiras foram quebradas, a relação com a escola foi sempre estável e amigável, de forma que o desenvolvimento e o crescimento individual e profissional são algo perceptível e extremamente positivo, o fato é que, a relação comunicativa entre esse

profissional, escola e família é extremamente indispensável para a ampliação do conhecimento da criança.

Os progressos visualizados no decorrer do acompanhamento estão relacionados não só as habilidades da criança, como também no aperfeiçoamento e conhecimentos adquiridos por mim, com relação aos impasses, citamos as questões que envolvem o desconhecimento de algumas escolas perante a efetiva atuação do A.T.

Busquei atuar de forma que minha presença na sala de aula não interferisse no desenvolvimento do trabalho das professoras, com o objetivo de assessorar os trabalhos dos profissionais envolvidos, almejando a evolução da aprendente. Atualmente consideramos que a escola se adapta, se adequa e atende quase que totalmente as demandas da aprendente.

A busca por conhecimento e a dedicação aos estudos envolvendo o tema passou a ser parte do cotidiano, aproveitando oportunidades e buscando capacitação, através da cumplicidade, generosidade e companheirismo da mãe da aprendente, conseqüentemente descobertas e dedicação ao trabalho foram frutos da paixão pelo que estava fazendo.

Trabalhando sempre em conjunto com a equipe multidisciplinar que acompanha a criança, a participação da equipe é um fator primordial e essencial para aquisição e aprimoramento das habilidades da criança e assim conseguimos monitorar e avaliar os acertos e erros, melhorar a rotina de trabalho favorecendo a amplificação de conhecimento e repertório da criança, a atuação da família e dos outros profissionais é relevante para favorecer o desenvolvimento dos aprendentes.

Possuindo conhecimento em relação a amplitude do autismo, o (a) Acompanhante Terapêutico (a) executa atividades em todas as esferas, demandas pedagógicas, emocionais, comportamentais, sendo assim o conhecimento não está relacionado apenas em técnicas, mas em quem é a aprendente, considerando a individualidade e as características da criança.

Hoje me sinto realizada, enquanto acompanhante terapêutica e tenho buscado aperfeiçoamento, ampliando as áreas de estudo, pois no autismo as informações são atualizadas periodicamente, é relevante considerar essas modificações para eficiência da atuação, acompanhar as evoluções da criança e avançar profissionalmente é algo que marcou a minha trajetória pessoal e profissional, meus desejos profissionais foram modificados ao tempo que vi a aprendente crescer

e avançar nos seus conhecimentos sociais e pedagógicos, iniciei meu trabalho com ela quando a mesma estava com 4 anos de idade, hoje ela encontra-se com 10 anos e acho que conseguimos desenvolver um bom trabalho no decorrer do tempo e até o momento.

Observação: Todas as informações contidas neste estudo relacionadas à aprendente foram baseadas na vivência e em relatos descritos pela mãe, a mesma autorizou o relato e a identificação da criança, no entanto achamos melhor por questões preventivas e para não expor a criança, não a identificar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que os estudos, diagnósticos e as novas descobertas facilitaram o processo de disseminação de informações na perspectiva da educação inclusiva assim como as questões relacionadas ao autismo desde o início de suas definições, Maria Elisa Granchi Fonseca (2019) afirma que: "Se há 25 anos a nossa escola era basicamente assistencialista, hoje temos currículo adaptado, materiais com estrutura e preocupação em cobrar tais recursos. Se não tínhamos professores em sala de aula, hoje temos acompanhante individualizado", logo, o avanço no decorrer do tempo foi importante nessa perspectiva.

Apesar dos documentos, não há garantias no cumprimento das leis, mas, avanços são observados, apesar das dificuldades e das lutas continuarem, tem se obtido êxito em alguns aspectos.

Durante as leituras, nos atentamos a ausência de estudos que abordam algumas temáticas descritas neste artigo, desde o contexto histórico até a atuação do (da) Acompanhante Terapêutico (a), as leis envolvendo a atuação específica do A.T. estão em discussão, à falta de uma legislação específica resulta em insegurança para os profissionais que executam essas respectivas funções.

A atuação do (da) Acompanhante e a atuação da escola devem delinear os mesmos objetivos e favorecer o avanço do aluno, garantindo o bem-estar da criança. Devemos considerar o fato de que, as crianças com autismo estão sendo diagnosticadas em maior número e cada vez mais cedo, por isso, muitos educadores não dispõem de conhecimentos a respeito das práticas utilizadas para o desenvolvimento e aprendizagem destes, tão pouco em relação à atuação do (da) Acompanhante Terapêutico(a).

Apesar das dificuldades e imposições do meio social e institucional percebeu-se um avanço no reconhecimento do trabalho do Acompanhante Terapêutico no decorrer das observações, o processo de inclusão educacional não é apenas do indivíduo com especificidade, mas também do profissional que o acompanha dentro das paredes da escola, o Acompanhante Terapêutico é um facilitador que promove, observa e intervém a partir das singularidades da criança, desempenha as interações por meio das possibilidades, atua como mediador em todos os processos.

Expomos a experiência e atuação da Acompanhante Terapêutica para que pudéssemos compreender as ações da criança e iniciarmos intervenções respaldadas em conhecimentos científicos, a observação é importante para intermediar quando necessário. O Acompanhante Terapêutico possui uma considerável participação nas mediações e conquistas do aprendente promovendo seu crescimento.

A Aprendente apresentou evoluções significativas no decorrer das terapias realizadas pela equipe multidisciplinar desde o início do diagnóstico, a escola a qual a aprendente frequenta dispõe de psicóloga e reuniões acontecem anualmente ou semestralmente para ajustar as possíveis contingências apresentadas ao longo do tempo, com intuito de favorecer uma adaptação e um atendimento adequado por parte dos profissionais envolvidos.

A primeira experiência que com o autismo foi decorrente de um trabalho específico, realizado em uma instituição de Campina Grande - PB, que atende uma demanda de crianças autistas, após esse trabalho o empenho pelo tema cresceu gradativamente, levando assim a um interesse pessoal muito intenso e ao longo dos anos a dedicação às formações na área tem sido uma realidade contundente, executado o trabalho de Acompanhante Terapêutica Individual com a mesma aprendente.

Mediante todas as experiências vivenciadas e a constatação de como é relevante a presença do Acompanhante Terapêutico para o desenvolvimento escolar do TEA, sugerimos que estudos envolvendo a temática sejam realizados, com intuito de disseminar os conhecimentos adquiridos e partilhar experiências, favorecendo o crescimento pessoal e profissional dos atores desses processos.

REFERÊNCIAS

Acompanhamento Terapêutico. Instituto A Casa. Organizado pela equipe de AT. **A Rua como Espaço Clínico: Acompanhamento Terapêutico.** São Paulo, Escuta, 1991. Disponível: <http://www.acasa.com.br/home/index.php/instituto/acompanhamento-terapeutico>

Acompanhamento Terapêutico Escolar e Autismo: **Caminhos para a Emergência do Sujeito.** Nascimento, Verônica Gomes. SILVA, Alan Souza. DAZZAN, Maria Virgínia Machado. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 20, n. 3, set./dez. 2015, 520-534. Disponível: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v20n3/a11v20n3.pdf> Acesso: Junho de 2020.

Acompanhante Terapêutico: **caracterização da prática profissional na perspectiva da Análise do Comportamento.** 2012, Vol. XIV, nº 3, 4-33. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva.*

Base Nacional Comum Curricular. **BNCC.** 2017. Disponível em: [pcc015.17 \(mec.gov.br\)](http://pcc015.17(mec.gov.br))

BUENO, Rinaldo Conde. PASSOS, Izabel C. Friche. **O acompanhamento terapêutico, o território e a amizade: caminhos entre as clínicas da desinstitucionalização.** *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, ISSN 1984-2147, Florianópolis, v.8, n.19, p.1-16, 2016.

Conselho Regional de Psicologia. **Ciência e Profissão Acompanhamento terapêutico: a clínica vai às ruas.** Disponível em: http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/jornal_crp/148/frames/fr_ciencia_profiss_ao.aspx Acesso: 08 de Maio de 2020.

CANDELORO, Amanda. MASSIH, Danielle Abdel, RACCIONI, Thaís Munholi. **Acompanhamento Terapêutico: Concepções e Possibilidades em Serviços de Saúde Mental.** *Psicologia: Ciência e Profissão* Jul/Set. 2017 v. 37 nº3, 638-651. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000092016>

Declaração de Salamanca. **1994.** Disponível em: portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/Salamanca.pdf . ([Microsoft Word - Documento3 \(mec.gov.br\)](#))

ELISA, Maria Granchi Fonseca. *REVISTA AUTISMO. Minhas percepções sobre a trajetória do autismo no Brasil.* p.12. Ano V- N. 4- Março/Abril/Maio 2019. Estatuto da Criança e do Adolescente: **LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/8069compilado.htm

GADIA, Carlos. **Aprendizagem e autismo: transtornos da aprendizagem: abordagem neuropsicológica e multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
LEAR, Kathy. Ajude-nos a aprender. **MANUAL DE TREINAMENTO EM ABA.** 2 Edição. p. 4. 2004.

Lei Romário. 2016. Disponível em: [Lei 13370/16 | Lei nº 13.370, de 12 de dezembro de 2016, Presidência da Republica \(jusbrasil.com.br\)](#). Acesso em 10 de dezembro.
Lei Brasileira de Inclusão. Artigo 1º. 2015. Disponível em: [L13146 \(planalto.gov.br\)](#). Acesso em 10 de dezembro de 2020.

LEONARDO, Nilza Sanches Tessaro. BRAY, Cristiane Toller. ROSSATO Solange Pereira Marques. **Inclusão escolar: um estudo acerca da implantação da proposta em escolas de ensino básico**. Rev. bras. educ. espec. vol.15. 2009.
Disponível: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382009000200008&nrm=iso&tlng=pt

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico]: DSM-5/ tradução Maria Inês Corrêa do Nascimento...et al.]-5.ed.Porto Alegre:Artmed.p. 50.2014.

Ministério da Saúde, **Guia prático do Cuidador**, 1 ed. 2008.
http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_pratico_cuidador.pdf . Acesso em: 31 de março de 2020.

Nascimento, Verônica Gomes. **O Acompanhamento Terapêutico Escolar no Processo de Inclusão de uma Criança Autista**. Universidade Federal da Bahia/ Instituto de Psicologia. p 16. 2015.

PELIN, Leonice. **ESTRATÉGIAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM – TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. p. 18. 2013.
Disponível: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4458/1/MD_EDUMTE_2014_2_96.pdf

Pimentel Höher Camargo, Síria, Rispoli, Mandy. **Análise do Comportamento Aplicado como intervenção no Autismo: definição, características e pressões filosóficas**. Revista Educação Especial. 2013, 26 (47), p.641/650. 15 de julho de 2020. ISSN: 1808-270X. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313128786010>

PITIÁ, Ana Celeste de Araújo. FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. **O Acompanhamento Terapêutico (AT): dispositivo de atenção psicossocial em saúde mental**. Interface (Botucatu) vol.13. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832009000300007&script=sci_arttext

Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do espectro autista; 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm Acesso em 07 de julho de 2020.

POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA. Brasília. 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>

Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do espectro autista; 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm Acesso em 19 de julho de 2020.

Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v13n3/a15v13n3.pdf>. Acesso em 07 de julho de 2020.

AGRADECIMENTOS

A minha trajetória assim como a de muitos não foi fácil, lutei muito para chegar onde estou, e agora caminho com a certeza de que somos capazes de chegar onde quisermos.

Agradeço primeiramente a meu Deus e Senhor Jesus por permitir a experiência de vencer as batalhas encontradas no caminho, principalmente as que enfrentei durante o processo de formação da especialização, só Ele sabe as lutas que enfrentei. Ao meu pai, Paulino Clementino, meu exemplo de coragem, caráter, força, persistência e o amor da minha vida. A minha mãe (in memoriam) que antes de partir deixou como missão para meu pai garantir a mim, bons estudos.

Sigo meus agradecimentos a minha amiga e incentivadora Maria Karoline Nóbrega, grata pelos seus incentivos, com você aprendi que sou capaz de conquistar meu espaço.

Agradeço a todos os professores, em especial a Diana Sampaio minha orientadora e coordenadora do curso de Especialização, pelo seu profissionalismo, dedicação, paciência e sensibilidade. Grata pelo seu empenho junto a mim para o desenvolvimento e conclusão desse trabalho.

Aos professores Eduardo Onofre e Livânia Beltrão, são exemplos de grandes profissionais, importantes no decorrer de minha graduação e tive o prazer de reencontrá-los no processo de pós-graduação, grata pelos ensinamentos.

E por fim a minha aprendente linda que me ensina diariamente e a cada instante o quão bom é aprender, o quão maravilhoso é vivenciar suas evoluções ao longo desses quase cinco anos ao seu lado, obrigada por me proporcionar ser alguém melhor como profissional e ser humano, espero que um dia você possa ler as palavras contidas nesse simbólico estudo e saber através delas o quanto importante você foi, é e sempre será importante em minha vida, obrigada por ser minha fonte de inspiração e estudo.

Encerro meus agradecimentos a mãe da minha aprendente, você tem sido parte integrante das minhas conquistas como profissional, favorecendo diretamente o meu crescimento e capacitação, obrigada por acreditar em mim e no meu trabalho, obrigada por confiar a mim os ensinamentos parciais da vida da sua filha, com você aprendo a lutar e não desistir.